

te, em muito pouco tempo, tão desalentado e confuso quanto antes. Já naqueles dias. Mas não nesse dia. Achaste o ouriço em uma tarde de outono, tiveste pena dele como foi descrito e ainda te sentias bem ao chegar a hora de dormir. De joelhos, ao lado de tua cama, incluíste o ouriço em tua minuciosa prece a Deus, para que abençoasse a todos os que amavas. E inquieto, no aconchego de tua cama, esperando que o sono viesse, ainda sentias um leve calor, ao pensar como aquele ouriço tivera sorte por ter cruzado teu caminho como o fizera. Na vereda estreita de barro, orlada por uma cerca de buxo crestado. Ao te deteres ali, imaginando qual seria a melhor forma de passar o tempo até a hora de dormir, ele afastara a cerca de um dos lados e estava indo direto para a cerca do lado oposto, quando entraste em sua vida. Mas, na manhã seguinte, não só o calor tinha passado, como um grande mal-estar o substituíra. Uma

suspeita de que talvez nem tudo estivesse como deveria estar. De que, em vez de fazer o que tinhas feito, talvez tivesse sido melhor que não interferisses e deixasses o ouriço seguir seu caminho. Passaram-se dias, se não semanas, até que pudesses te forçar a voltar à cabana. Nunca esqueceste o que encontraste lá. Estás deitado no escuro e nunca esqueceste o que encontraste lá. A papa. O mau cheiro.

EM SUSPENSO, há algum tempo, o seguinte. A necessidade de companhia não é constante. Há momentos em que a sua própria, sem ser amenizada, é um conforto. A intrusão da voz, considerada como tal. Igualmente a imagem do ouvinte. Igualmente a sua. Afinal, que significa sua própria companhia, sem ser amenizada? Como poderia amenizá-la? Deixa como está, no momento.